



Evento: XXI Jornada de Extensão

CISTO DE INCLUSÃO EPITELIAL EM UM CANINO¹

CORNEAL EPITHELIAL INCLUSION CYST IN A DOG¹

**Carlos Otávio Eggres Krebs², Giulia Brambila Girondi³, Anita Marchionatti Pigatto⁴,
Fernanda Iensen Farencena⁵, Guilherme Rech Cassanego⁶, Luís Felipe Dutra Corrêa⁷.**

¹ Caso acompanhado no Serviço de Oftalmologia Veterinária do Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

² Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

³ Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

⁴ Mestrando da Pós-graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Bolsista CAPES.

⁵ Mestrando da Pós-graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Bolsista CAPES.

⁶ Mestrando da Pós-graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Bolsista CAPES.

⁷ Professor do Programa de Pós-graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

RESUMO

A cornea é um órgão avascular anatomicamente dividido entre 4 camadas sendo elas epitélio, estroma corneano, membrana de Descemet e endotélio corneano, dentre as diversas afecções corneanas vistas na rotina de oftalmologia veterinária pode-se citar o cisto de inclusão epitelial corneano, uma lesão oftálmica benigna, raramente relatada na literatura veterinária. O seguinte trabalho tem como objetivo relatar um caso de um paciente canino com 3 anos, macho, que foi atendido pelo serviço de oftalmologia e microcirurgia do hospital veterinário universitário da universidade federal de Santa Maria, que apresentou um cisto de inclusão epitelial no olho esquerdo, apresentando características clínicas e patológicas dessa afecção. O cisto foi removido através de ceratectomia superficial seguido da confecção de um flap a partir da terceira pálpebra, a recuperação correu bem e não houve recidiva após 3 meses de pós operatório.

Palavras-chave: Oftalmologia.Veterinaria.Cisto.Epitelial.Córnea

INTRODUÇÃO



Os cistos de inclusão epitelial córneos são de aparente baixa incidência em animais domésticos, sendo uma doença de córnea incomum em cães, também sendo descritos em gatos, lhamas e humanos (BEDFORD 1990). Embora a etiologia exata permaneça incerta, as causas documentadas de cistos de inclusão epitelial corneano em cães incluem causas devido a lesão externa da córnea e congênitas (CAMPOS 2002).

A formação do cisto de inclusão epitelial ocorre quando há uma lesão traumática da córnea, que acaba penetrando a camada estromal transplantando células epiteliais para o estroma corneano (CASSAGNES 2020). Ocasionalmente, após a cicatrização da córnea, as células epiteliais podem ficar presas sob a superfície epitelial e se passam a se organizar em pequenos cistos, que aumentam gradualmente à medida que acumulam resíduos proteicos (DOUGLAS 2015).

Clinicamente, se apresentam como massas relativamente bem circunscritas, lisas, elevadas projetando-se da superfície da córnea no local do trauma anterior, sendo considerado benigno e não levando a inflamações futuras ainda assim representam uma consideração essencial no diagnóstico diferencial de neoplasias, ceratopatias bolhosas, abscessos e dermóides (BEDFORD 1990). Esse trabalho tem como objetivo de colaborar para a literatura de oftalmologia veterinária relatando um caso de um canino com cisto de inclusão epitelial corneano.

METODOLOGIA

Chegou ao Serviço de Oftalmologia Veterinária da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) um animal da espécie canina, de raça yorkshire, macho castrado com 3 anos de idade, através do proprietário, que relatou que o seu animal apresentava um aumento de volume esbranquiçado no olho esquerdo. O proprietário também explicou que havia realizado nos meses anteriores um tratamento cirúrgico de ceratotomia em grade para o tratamento de uma úlcera indolente com outro colega veterinário clínico geral.

Após a triagem o paciente foi direcionado ao setor onde foram feitos exames oftalmológicos de rotina como aferição da pressão intraocular com tonometria de aplanção, teste lacrimal de schirmer e o teste de fluoresceína onde todos apresentaram resultados satisfatórios. Durante o exame físico do paciente foi possível observar uma massa de coloração



amarelo-esbranquiçada que localizava-se entre 3h e 9h sob a córnea, ocupando mais de 1/3 da superfície corneana estendendo-se até parte do limbo.

Terminado o atendimento oftálmico foi sugestivo o diagnóstico de um cisto de inclusão epitelial corneano, sendo o tratamento de escolha a exérese cirúrgica do mesmo sendo a técnica cirúrgica escolhida foi ceratectomia lamelar anterior junto a confecção de um flap de terceira pálpebra. Foram coletadas amostras de sangue para os exames complementares de hemograma e bioquímicos, que não revelaram nenhum fator que poderia agravar o procedimento anestésico.

A cirurgia correu de forma esperada sem complicações, o cisto após ter sido retirado foi enviado para biopsia, o paciente respondeu bem a anestesia e a reversão da mesma e logo após foi liberado a voltar para casa com colar elisabetano e as medicações pós-cirúrgicas sendo elas um analgésico oral a base de metamizol (dipirona) duas vezes por dia nas primeiras 48 horas, colírio a base de sulfato de atropina 0,1% (Atropina®) duas vezes ao dia por 3 dias, e o uso de Tobramicina colírio 0,3% (Tobrex®)¹ e lágrima artificial (Hyabak®)² ambos uma gota seis vezes ao dia, até o dia da retirada do flap.

Após a cirurgia o animal retornou para um acompanhamento 24 horas após a cirurgia onde o flap apresentava-se hígido e o paciente não apresentava sinais de desconforto, o animal continuou retornando uma vez por semana para observação até o dia da remoção do mesmo que ocorreu aproximadamente 2 semanas após a intervenção cirúrgica, a remoção dos pontos foi de forma ambulatorial sem a necessidade de sedação, onde foi possível observar um leucoma cicatricial mínimo onde havia anteriormente o cisto. Foram realizados retornos semanais até o período de 3 meses para certeza de não haver uma recidiva, que não havendo, recebeu alta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados histopatológicos da biopsia revelaram que o revestimento da amostra era composta de epitélio corneano subjacente a estroma corneano superficial e seu conteúdo era formado de células epiteliais escamosas em diversos graus de maturação, chegando-se a confirmação do diagnóstico clínico de cisto de inclusão epitelial.

A maior parte dos cistos epiteliais descritos são de causa traumática ou congênita, porém a maioria dos casos o paciente apresenta um histórico de lesão ocular (CAMPOS 2002). No caso do canino aqui relatado foi possível delimitar que o cisto teve sua origem de forma traumática sendo a lesão de origem um procedimento de ceratotomia em grade realizado



anteriormente. Acredita-se o procedimento transplantou células epiteliais para dentro do estroma corneano superficial que levou a formação do cisto.

De acordo com Campos (2002) e Heller (2019) sobre o tratamento de escolha, o tratamento de cistos de inclusão epitelial em humanos incluiu aspiração, cauterização e excisão da parede anterior, porém na medicina veterinária como astigmatismo é não é a principal preocupação nos pacientes, a ceratectomia é a manobra cirúrgica de preferência descrita na literatura.

Por ser uma doença raramente descrita muitas vezes acaba sendo confundida com abscesso estromal, podendo levar a tratamentos falhos e ineficientes, sendo assim o diagnóstico diferencial dos cistos de inclusão epitelial de suma importância visto que embora ambos apareçam como opacidades em relevo, amarelo-esbranquiçadas a rosa, um cisto de inclusão epitelial tende a não causar alterações inflamatórias, enquanto um abscesso corneano deveria causar. Mesmo o cisto de inclusão epitelial sendo benigno e indolor, este pode acabar bloqueando a visão do paciente devido ao seu tamanho. Em casos de tamanho extremo pode atrapalhar o fechamento normal palpebral, levando ao desenvolvimento de outras afecções corneanas como ceratoconjuntivite seca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso apresentado demonstra a importância da identificação correta dos cistos de inclusões epiteliais corneanos e sua atual conduta utilizada no dia a dia do oftalmologista veterinário. Por ser uma afecção dita como rara ainda há poucos relatos e estudos sobre o assunto destacado, sendo todo relato de suma importância para o acréscimo bibliográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEDFORD P. G. C.; GRIERSON, I.; & MCKECHNIE, N. M. Corneal epithelial inclusion cyst in the dog. **Journal of Small Animal Practice**, 31(2), p.64–68,1990.

CAMPOS, C. F.; TALIERI, I. C.; VICENTI, F. A. M.; & LAUS, J. L. Corneal epithelial inclusion cyst in a dog. **Ciência Rural**, 32(3), p.521–523, 2002.



CASSAGNES, C.; COGNARD, S. A.; NICOLIER, A.; CAZALOT, G.; DOSSIN, E.; DURIEUX, P.; DULAURENT, T. Corneal epithelial inclusion cysts in 12 dogs (13 eyes) from 2010 to 2019: A multicentric retrospective study. **Veterinary Ophthalmology**. 2020.

DOUGLAS W.; ESSION B. V. S. C.; Epithelial Inclusion Cysts. *In: Clinical Atlas of Canine and Feline Ophthalmic Disease*. p.156–157, 2015.

HELLER A, R.; DIFAZIO M. R.; GOMES E, F.; LEDBETTER E, C.; Clinical and diagnostic evaluation of intraocular expulsion of a corneal epithelial inclusion cyst in a dog. **Vet Ophthalmology**.22 p.710– 715. 2019